

Passado, simbolismo e naturalidade: os primeiros anos de Jaime I (1208-1276) no Livro dos Feitos

Luciano José Vianna

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/Brasil

Mestrando em História do PPG em *História Social das Relações Políticas* da UFES/Brasil

Aluno do Mâster em *Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana* da UAB/Espanha

Bolsista (BCC) da *Agència de Gestió d'Estudis Universitaris i de Recerca*

(AGAUR) 2008/2009

Luciano.Jose@campus.uab.cat

Resumo

Neste artigo, nos aproximamos um pouco da imagem real de Jaime I, o *Conquistador*, nos primeiros anos de seu reinado. Ao analisar as palavras do *Livro dos Feitos*, observamos alguns simbolismos celestes e terrestres em relação à confirmação de Jaime I como rei. Mais especificamente, buscamos sua imagem como *rei natural*, ou seja, nas próprias palavras de Jaime, um rei de *lonch temps*, cuja realeza era baseada em uma naturalidade de linhagem. Apresentamos também o primeiro discurso de Jaime no *Livro dos Feitos*, onde o rei tomou como base a questão da naturalidade do seu poder. Assim, optamos por dividir este trabalho em duas partes. Na primeira apresentamos o *Livro dos Feitos* e comentamos sobre sua tradição manuscrita. Em seguida, analisamos a imagem do *Conquistador* como *rei natural*, destacando os vários sinais e, principalmente, as palavras que estão relacionadas com esta questão.

Palavras-chave: Jaime I, *Livro dos Feitos*, *rei natural*

Abstract

In this paper, we approach of royal image of James I, the *Conqueror*, in the first years of your kingdom. When we analysis the words of *Llibre dels fets*, we observe some celestial and terrestrial symbols which confirm James I as king. Specifically, we search your image as *natural-king* and, in the own words of James, a king of *lonch temps*, whose royalty is establish in the natural line. We present too the first discourse of James in the *Llibre dels fets*, when the king illuminate the question of the natural line as establish of your power. So, we choose for divide this paper in two parts. In the first, we present the *Llibre dels fets* and comment about your handwritten tradition. After, we analysis the image of *Conqueror* as *natural-king*, detaching the multiple signs and, essentially, the words which are connect in this question.

Key-words: James I, *Llibre dels fets*, *natural-king*

O Livro dos Feitos de Jaime I

Em 2008, ocasião da comemoração dos oitocentos anos do nascimento do rei Jaime I, o *Conquistador*, foram publicados vários livros, artigos, notas e comentários relacionados a este rei, assim como foram realizadas muitas exposições permanentes em toda Catalunha. Desse modo, o *Livro dos Feitos*, uma das fontes mais importantes sobre o reinado de Jaime I, e também sobre o contexto peninsular medieval, merece a sua publicação no cenário

brasileiro, oportunidade surgida com a publicação deste artigo, o qual desejamos que sirva de incitação para novos trabalhos.

Jaime nasceu em Montpellier em 1208, e morreu em Valência, em 1276. Durante seus 68 anos de vida, reinou 62. Foi rei de Aragão, Maiorca e Valência, conde de Barcelona e de Urgel, e senhor de Montpellier.¹ Sobre o seu reinado existem muitos documentos que abordam vários assuntos. Entretanto, um deles se destaca perante os outros, tanto pela sua fama quanto pela sua importância: o *Livro dos Feitos*.

Esta fonte é considerada uma das primeiras obras literárias historiográficas escritas em catalão.² Além disso, é a única autobiografia de um rei da Idade Média européia que está conservada até hoje³ e, por isso, chama a atenção de muitos pesquisadores sobre a história medieval da Catalunha.⁴

De acordo com Julia Butiñá, tradutora do *Livro dos Feitos* para a língua castelhana, esta fonte é considerada como *Crônica e Memória, Autobiografia e História: Crônica*, porque o rei narrou e descreveu grande parte dos acontecimentos de sua vida; *Memória*, pois Jaime utilizou suas recordações; *Autobiografia*, visto que Jaime falou sobre si mesmo, personagem presente na narrativa e; *História*, pois nos conta a expansão do reino catalão-aragonês durante o processo de Reconquista.⁵ Sendo uma obra de memória, até mesmo os “lapsos” nos relatos de Jaime reforçam a legitimidade da fonte,⁶ uma vez que o esquecimento é uma característica essencial da memória.⁷

Nesta obra, onde são narrados seus feitos cavaleirescos, guerreiros e políticos, Jaime destacou que ao longo de sua vida seus feitos melhoravam conforme se adequavam à fé católica, exatamente como recomendou seu apóstolo Santiago.⁸

[*fl. 1r*] Meu senhor Santiago me reprova, e diz que sem obras a fé está morta. Nosso Senhor quis cumprir essas palavras em nossos feitos, pois, embora sem obras a fé

¹ MACHIRANT, Francesc. *Introducció. Llibre dels fets*. Jaume I. Alzira: Bromera, 2008, p. 7.

² SOLER LLOPART, Albert. *Literatura catalana medieval*. Barcelona: Editorial UOC, 2003, p. 19.

³ VINAS, Agnès i Robert. *Traduir el Llibre dels Fets*. TRENCHARD, Eliseu i FIDORA, Alexander. *Segon Col·loqui Europeu d'Estudis Catalans*. Volum 1. La recepció de la literatura catalana medieval a Europa. Centre d'Études et de Recherches catalanes. Université Montpellier III. Association Française des Catalanistes, p. 97-111, 2007.

⁴ Para uma completa e exaustiva apresentação do *Livro dos Feitos* ver BRUGUERA, Jordi. *La Crònica de Jaume I. Arxiu de Textos Catalans Antics*. Barcelona, n° 12, p. 409-418, 1993.

⁵ BUTIÑÁ, Julia. *Introducción. Libro de los hechos (1252-1274)*. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 2003, p. 7-8.

⁶ BUTIÑÁ, Julia. *Introducción. Libro de los hechos*, p. 19.

⁷ GEARY, Patrick. *Memória*. LE GOFF, Jacques. & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Volume II. Bauru, São Paulo: Edusc; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, p. 167-181, 2002.

⁸ BUTIÑÁ, Julia. *Introducción. Libro de los hechos*, p. 16.

não valha nada, quando ambas se unem, dão fruto, fruto que Deus deseja receber em sua mansão.⁹

Nesta narrativa são encontradas passagens da vida do rei, sua infância e educação no castelo de Monzón, suas conquistas (como as das cidades de Burriana, Játiva e Valência), suas campanhas contra os sarracenos, as sublevações dos barões aragoneses, e sua visita ao papa em Roma.

Além disso, esta fonte apresenta uma forte mentalidade religiosa, tema imprescindível para se entender o contexto estudado. A partir do século XI, guerra e religião tornaram-se mais próximas, especialmente a partir do *Concílio de Clermont* (1095), quando o papa Urbano II (1088-1099) incitou àqueles que guerreavam entre si para se converterem em “soldados de Cristo” (*militia christi*).¹⁰ Nessa ocasião, a luta contra os inimigos da Cristandade estava sacramentada, uma vez que ocorria um processo de expansão territorial de clara motivação religiosa.¹¹

Como havia uma estreita ligação entre guerra e religião, o homem medieval também estava unido com Deus, o qual se fazia presente e intervinha no mundo terreno. A noção de Deus, importantíssima para compreender os medievais, resumia toda a concepção de mundo desses homens.¹² Além disso, nunca é demais lembrar que a sociedade do ocidente medieval era *hierofânica*, ou seja, interpretava todos os fenômenos naturais do cotidiano como uma manifestação do sagrado.¹³

Considera-se que a obra está dividida em quatro partes. A primeira, entre os capítulos 2 e 33, refere-se aos primeiros anos do reinado de Jaime, ao seu matrimônio e à turbulência da nobreza de Aragão. A segunda, que compreende os capítulos 34 a 327, abrange as conquistas de Maiorca, de Valência e à permanência do rei em Montpellier. A terceira, referente aos capítulos 328-409, destaca alguns temas como as desavenças com seu genro Afonso X, o *Sábio* (1221-1284), as campanhas contra os sarracenos de Valência e a conspiração

⁹ [fl.1r] Retrau mon seyor sent Jacme que fe sens obres morta és. Aquestra paraula volch nostre Seyor complir en los nostres feytz. E jassia que la fe senes les obres no vayla re, can abdues són ajustades, fan fruyt, lo qual Déu vol reebre en la sua mansió. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume* (a cura de Jordi Bruguera), Barcelona, Editorial Barcino, 1991, Vol. II., cap. 1, p. 5.

¹⁰ Os que estão habituados a combater maldosamente, em guerra privada, contra os fiéis, lutem contra os infiéis, e levem a um fim vitorioso a guerra que devia ter começado há tempo. Os que até agora viviam em brigas se convertam em soldados de Cristo. FOUCHER DE CHARTRES. Apud PEDRERO-SÁNCHEZ, Maria Guadalupe. *História da Idade Média: textos e testemunhas*. São Paulo: Editora Unesp, 2000, p. 83.

¹¹ COSTA, Ricardo da. *A Guerra na Idade Média*. Rio de Janeiro: Edições Paratodos, 1998, p. 79.

¹² SCHMITT, Jean-Claude. Deus. LE GOFF, Jacques. & _____. (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Volume I. Bauru, São Paulo: Edusc; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, p. 301-317, 2002.

¹³ FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Peregrinos, monges e guerreiros: feudo-clericalismo e religiosidade em Castela medieval*. São Paulo: Editora Hucitec, 1990, p. 40.

aragonesa. Por fim, a quarta, relativa aos capítulos 410-566, relata a conquista de Múrcia, algumas sublevações baronesas, a amizade com Afonso X e a visita ao papa.¹⁴ De uma forma ou de outra, Jaime deixou claro que o livro devia ser publicado após sua morte.

E para que os homens conhecessem e soubessem como passamos esta vida mortal e o que nós fizemos com a ajuda do Senhor Poderoso, que é a verdadeira Trindade, deixamos este Livro como memória para aqueles que desejam ouvir as graças que Nosso Senhor nos têm feito, e para dar exemplo a todos os outros homens [fl.2r] do mundo para fazer o que nós temos feito: colocar sua fé nesse Senhor que é tão poderoso.¹⁵

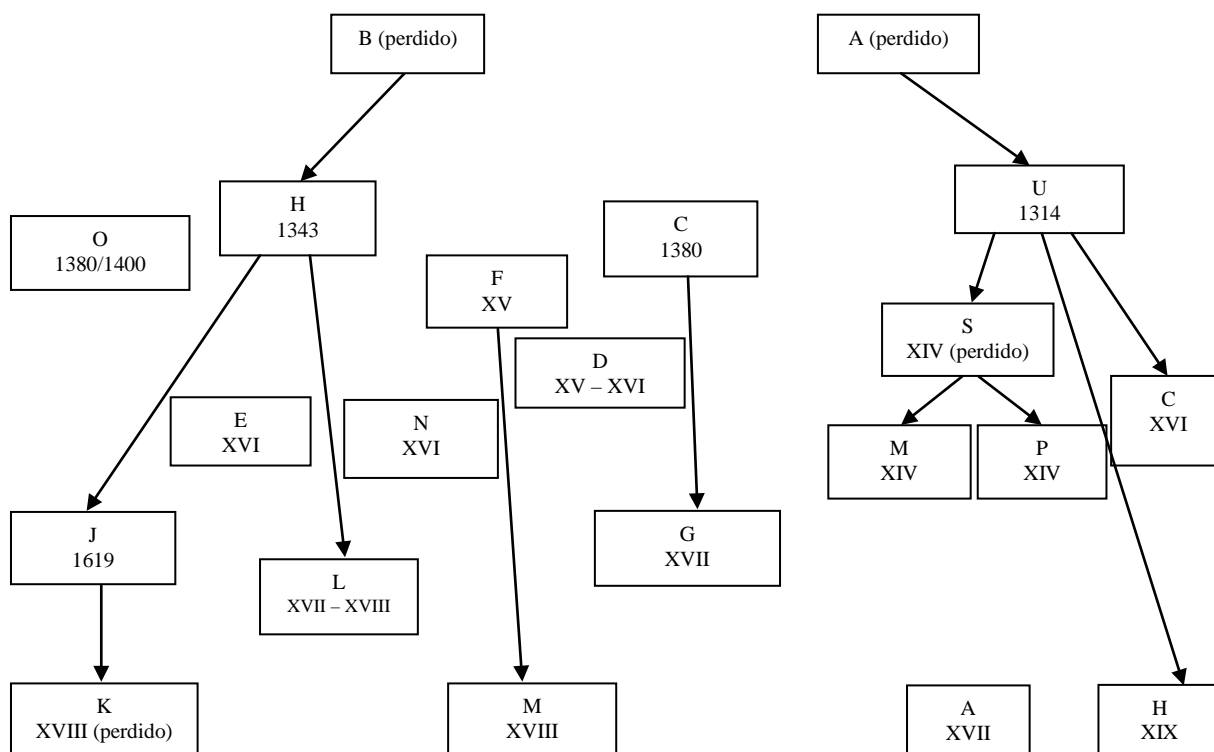
Memória. Essa é a palavra que pode resumir a obra de Jaime I. Memórias que deixou para que os homens “conhecessem e soubessem como passamos esta vida mortal e o que fizemos com a ajuda do Senhor Poderoso”. Em um ambiente feudal, providencialista, cavaleiresco e guerreiro, Jaime não podia deixar de citar suas relações com Deus, seu senhor feudal por excelência.¹⁶

No total existem dezessete manuscritos do *Livro dos Feitos*, datados desde o século XIV até o século XIX. Assim, para uma melhor visualização, representamos abaixo um esquema da tradição manuscrita desta fonte.

¹⁴ RIQUER, Martí de.; COMAS, Antoni.; e MOLAS, Joaquim. *Història de la Literatura Catalana*. Vol. 1. Barcelona: Editorial Ariel, S. A., 1984, p. 403-408.

¹⁵ E per tal que-ls hòmens coneguessen e sabessen, can hauríem passada aquesta vida mortal, ço que nós hauríem feyt ajudan-nos lo Seyor poderós, en qui és vera trinitat, lexi aqwest libre per memòria. E aquels qui volran hoir de les gràcies que nostre Seyor nos ha feytes e per dar exempli a tots los altres hòmens [fl.2r] del món, que façen ço que nós havem feyt: de metre sa fe en aquest Seyor qui és tan poderós. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 1, p. 7.

¹⁶ LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 67.



Esta é a representação da tradição manuscrita do *Livro dos Feitos*, tanto a tradição vernacular (à esquerda) quanto a latina (à direita). Não faremos aqui um comentário sobre cada manuscrito, o que seria interessante, mas, por outro lado tornaria o trabalho imenso e fugiria completamente das nossas intenções neste artigo. Assim, limitamo-nos a indicar os comentários de Martínez San Pedro,¹⁷ onde encontramos uma exaustiva exposição sobre as fontes latinas do *Livro dos Feitos*; e para as fontes catalãs o “estudo filológico” da edição crítica do *Livro dos Feitos* feita por Jordi Bruguera¹⁸ juntamente com os comentários de Llúcia Martín Pascual.¹⁹

Antes de iniciarmos o assunto específico deste artigo, gostaríamos de comentar dois assuntos sobre a composição *Livro dos Feitos*. O primeiro é sobre a representação da tradição manuscrita. Por ela, vemos que os manuscritos mais antigos são o de 1314, latino (Ms. U), e o de 1343, catalão (Ms. H). Os estudos filológicos de Martínez San Pedro demonstraram que

¹⁷ MARTÍNEZ SAN PEDRO, Maria de los Desamparados. *La Crónica Latina de Jaime I*. Edición crítica, estudio preliminar e índices. Almería, 1984, p. 17-69.

¹⁸ BRUGUERA, Jordi. Estudi filològic. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume* (a cura de Jordi Bruguera), Barcelona, Editorial Barcino, 1991, Vol. I, p. 7-26.

¹⁹ MARTÍN PASCUAL, Llúcia. Àngel Aguiló i la tradició manuscrita del Llibre dels Fets. *El rei Jaume I: fets, actes i paraules*. COLÓN DOMÈNECH, Germà i MARTÍNEZ ROMERO, Tomàs (eds.). Castelló: Fundació Germà Colón Domènech; Barcelona: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, 2008, p. 335-348.

uma versão em catalão (provavelmente o manuscrito A, perdido) serviu de base para a tradução latina.²⁰ Outros autores, como Martí de Riquer, também seguem esta idéia.²¹

Além disso, Martí de Riquer destaca que em alguns trechos o manuscrito latino passa a impressão de ter sido copiado de um manuscrito em língua vulgar. Desse modo, a hipótese de que o *Llibre dels fets* foi uma mera tradução da versão latina fica descartada,²² o que por outro lado supõe a existência de um manuscrito anterior (no caso, o manuscrito B, também perdido).

A existência deste manuscrito A, que serviu de base para a produção latina, seria comprovada por meio de dois documentos da chancelaria real de Jaime II (1267-1237), o *Justo*: um datado de 5 de maio de 1313, onde Jaime II envia uma cópia do *Livro dos Feitos* a seu primo, Sancho de Maiorca (1311-1324); e outro de 18 de junho de 1313, onde Jaime II concede uma soma de cento e trinta soldos *barcelonesos* ao Frei Pedro Marsílio, por ter trasladado o *Livro dos Feitos* para o latim.²³

O manuscrito B, também perdido, teria sido a base para a composição do manuscrito H, que apresenta em seu cólofon a data de 17 de setembro de 1343. Dessa forma, segundo Bruguera, há uma bifurcação na tradição dos manuscritos.²⁴ Por fim, temos de destacar o manuscrito O, recentemente encontrado, e que foi objeto de comentário no artigo de Jesús Alturo i Perucho.²⁵

Nosso artigo se baseia na edição crítica de Jordi Bruguera, a qual utilizou como base o manuscrito H e cotejou com os manuscritos C, D, E, F, N, juntamente com a edição de 1557,²⁶ cujas variantes foram escritas em notas de rodapé. Assim, nossa base de análise é um manuscrito de 1343, época do reinado de Pedro IV, o *Cerimonioso* (1319-1387), que por sinal procedeu da mesma forma que Jaime I ao redigir também uma *Crônica*.²⁷

²⁰ MARTÍNEZ SAN PEDRO, Maria de los Desamparados. *La Crónica Latina de Jaime I*. Edición crítica, estudio preliminar e índices. Almería, 1984, p. 17-69.

²¹ RIQUER, Martí de.; COMAS, Antoni.; e MOLAS, Joaquim. *Història de la Literatura Catalana*, p. 395-396.

²² RIQUER, Martí de.; COMAS, Antoni.; e MOLAS, Joaquim. *Història de la Literatura Catalana*, p. 397-398.

²³ RUBIÓ I LLUCH, Antoni. *La Crònica del Rey En Jaume en el XIV segle*. *Estudis Universitaris Catalans*, n.º 1, 1907, 349-357. Neste artigo estão recolhidos estes dois documentos da chancelaria de Jaime II.

²⁴ BRUGUERA, Jordi. *Estudi filològic. Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, p. 7-26.

²⁵ ALTURO I PERUCHO, Jesús. Un altre manuscrit del Llibre dels fets del rei en Jaume. *Arxiu de textos catalans antics*, n.º 17, 1998, p. 490-506.

²⁶ **H** – Biblioteca Universitària i Provincial de Barcelona. Ms. 1; **C** – Biblioteca de Catalunya, Barcelona. Ms. 1734; **D** – Biblioteca del Palau Reial de Madrid. Ms. II-475; **E** – Biblioteca Nacional de Madrid. Ms. 10121; **F** – Biblioteca d’El Escorial. Ms. Y-III-5; **N** – Biblioteca de la Real Academia de la Historia de Madrid. Ms. 9-4769; **Edição de 1557** – Biblioteca Nacional de Espanha. Ms. 15398.

²⁷ Para a *Crônica* de Pedro, o *Cerimonioso*, ver SOLDEVILA, Ferran. *Les quatre grans Cròniques* (Col·lecció Perenne, 26), Barcelona: Editorial Selecta, 1971, p. 1001-1225.

Outro assunto importante e necessário para se comentar sobre esta fonte é com relação ao período de sua composição, sobre o qual existem várias interpretações. De acordo com Lluís Nicolau D'Olwer, o *Livro dos Feitos* foi composto em dois momentos: um em Játiva, durante o ano de 1244, e o segundo em Barcelona, em 1274.²⁸ Recentemente surgiram outras propostas para a redação do *Livro dos Feitos*. Dentre elas, citamos as de Stefano Maria Cingolani,²⁹ Josep Maria Pujol³⁰ e Albert Soler Llopart³¹ que defendem a composição desta obra durante os últimos anos de vida de Jaime I, momento em que o rei já possuía uma grande reflexão sobre seus atos.

Diante de todas estas discussões historiográficas e metodológicas, temos uma obra que nos apresenta a vida de um rei, cujo extenso reinado foi lembrado nas épocas subseqüentes. A própria tradição manuscrita nos apresenta esta confirmação, uma vez que o último manuscrito encontrado data do século XIX (manuscrito H, da tradição latina).

Assim, após esta exposição, tentaremos nos aproximar da imagem de Jaime nos primeiros anos de seu reinado, especificamente em três momentos: 1) logo após seu nascimento, em 1208; 2) no juramento das cortes de Lérida, em 1214 e; 3) no seu primeiro discurso, por volta de 1226. Seguimos.

O reconhecimento dos céus: o simbolismo celeste

Quando observamos o *Livro dos Feitos*, uma pergunta nos intriga: como era a imagem de Jaime I nos primeiros anos de seu reinado, mais especificamente antes da conquista de Maiorca? Como o rei era representado frente aos seus nobres? O que o *Livro dos Feitos* nos apresenta? Desse modo, importa estudarmos como se formou a imagem de Jaime durante o início de seu reinado, abordando principalmente os sinais que o representam como rei, um *rei-natural*. Para isso, vamos seguir duas pistas: as palavras do rei e a mentalidade da época.

Antes de ter sido jurado em Lérida, em 1214, Jaime já havia passado por uma situação que confirmaria o simbolismo de sua imagem como *rei natural*, um *seyor natural*

²⁸ NICOLAU D'OLWER, Lluís. La Crònica del Conqueridor i els seus problemes. *Estudis Universitaris Catalans*, n.º 11, 1926, p. 79-88. Ver também NICOLAU D'OLWER, Lluís. Principals obres que han tractat de la Crònica de Jaume I. *Estudis Universitaris Catalans*, n.º 6, 1912, p. 38-45.

²⁹ CINGOLANI, Stefano Maria. *Jaume I: història i mite d'un rei*. Barcelona: Edicions 62, 2008.

³⁰ PUJOL, Josep M. *Jaume I. Llibre dels fets*. Barcelona, Editorial Teide, 1991.

³¹ SOLER LLOPART, Albert. *Literatura catalana medieval*, p. 19.

legitimado pelos céus. Referimo-nos aqui ao momento logo após seu nascimento, quando foi levado à Igreja de Notre-Dame das Madeiras. Eis o que aconteceu:

E nossa mãe, assim que nascemos, enviou-nos à Santa Maria, levando-nos nos braços e dizendo as matinas na igreja de Nossa Senhora. E assim que nós passamos pelo portal, cantaram *Te Deum laudamus*. Os clérigos não sabiam que nós iríamos entrar ali, mas nós entramos quando eles cantavam aquele cântico.³²

No instante em que Jaime entrou na Igreja, lugar supremo onde o poder sagrado estava presente, os clérigos cantaram *Te Deum laudamus*, um hino litúrgico. Compreendemos que este cântico entoado pelos clérigos era direcionado para louvar o Rei Celeste, que governava reino dos céus. Entretanto, ao citar esta coincidência, o *Livro dos Feitos* destaca que o mesmo cântico também foi direcionado para o Jaime I, o qual governaria um reino terrestre.

Um detalhe que nos chamou a atenção é que o rei fez questão de lembrar em suas memórias que os clérigos não sabiam que ele seria introduzido naquele lugar sagrado. Esse detalhe faz com que a legitimidade, o reconhecimento dos céus em relação Jaime fosse ainda mais forte: a interpretação de Jaime para esse acontecimento foi de que aquela coincidência aumentou ainda mais a crença em seu destino como rei. Coincidências que agradaram muito à sua mãe. Assim, Jaime apresentou o início de sua vida juntamente com uma maravilha que o acompanhou e que assinalava um bom desígnio divino para ele.³³

O que aqui nos interessa é o *simbolismo transcendental* do momento, algo que ligou a imagem de Jaime I aos céus. O rei, ainda uma criança, pois o levavam “nos braços”, estava em uma igreja, *passou* por um portal: estava em um ambiente religioso, sagrado. E nesse mesmo momento, iniciou-se um canto de louvor a Deus: assim, a imagem de Jaime já aparece no início do *Livro dos Feitos* como a de um rei que é louvado na terra e que é a imagem do rei celeste. Um soberano reconhecido pelos céus.

Comparativamente, esta mesma função do simbólico aparece em outros reinados contemporâneos ao do rei *Conquistador*, como na coroação de Fernando III, o *Santo* (c. 1198-1252). Com a morte do rei Afonso VIII de Castela (1158-1214) e de seu filho, Henrique I (1214-1217), a coroa do reino de Castela foi destinada à filha mais velha desse rei,

³² E nostra mare, sempre que nós fom nats, envià'ns a Sancta Maria, e portaren-nos en los braces; e deÿen matines en la església de Nostra Dona; e, tantost con nos meseren pel portal, cantaren *Te Deum laudamus*. E no sabien los clergues que nós deguéssim entrar allí, mas entram quant cantavem aquel càntich. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, cap. 5, p. 10.

³³ SOLER LLOPART, Albert. *Literatura catalana medieval*, p. 21.

Berenguela (1180-1246). Entretanto, como a rainha renunciou aos direitos em favor de seu filho, o mesmo foi aclamado rei em Valadolid em 1217:

Depois que todos foram juntos e deram o reino à D. Berenguela, ela rogou-lhes que recebessem seu filho como rei, e eles ficaram muito contentes com isso. Partiram logo com ele para uma igreja de Santa Maria e ali o alçaram como rei. Quando isso aconteceu, ele tinha dezoito anos de idade. E todo o clero cantava *Te Deum laudamus*.³⁴

No caso acima, este cântico foi entoado no momento da confirmação e legitimação real de Fernando III.³⁵ Assim, ao compararmos com a situação ocorrida com Jaime I, nos deparamos com algo similar.

Em uma época em que o poder do rei devia obrigatoriamente ser reconhecido pelo supremo poder de Deus, o simbolismo assumia um significado muito forte. Marc Bloch demonstrou isso ao analisar de forma pioneira todo o processo da crença de que os reis possuíam o poder de curar as escrófulas através do toque real. Segundo Bloch, esse milagre foi a expressão de uma concepção particular de poder político supremo.³⁶ Além disso, não podemos esquecer o simbolismo que este rito provocou na mentalidade daqueles homens.

Mas o que significa este simbolismo no *Livro dos Feitos* de Jaime I? Ao ditar sua história, o que o rei desejou apresentar? O simples ato de relacionar esta fonte ao seu contexto histórico pode nos dar uma chave para nos aproximarmos do pensamento do rei e compreendermos o significado do simbolismo que esta fonte nos apresenta.

Século XIII, reino de Aragão. Tempo e espaço. Este contexto específico nos apresenta mudanças importantes para que possamos compreender as condições de produção do *Livro dos Feitos*. Em primeiro lugar, foi durante o reinado de Jaime I que o movimento expansionista do reino aragonês mudou de direção: da política além Pirineus de Afonso II (1162-1196), o *Casto*, passamos pelo desastre de Muret (1213)³⁷ com Pedro II (1196-1213), o

³⁴ *Crônica Geral de Espanha de 1344* (Edição crítica de Luís Filipe Lindley Cintra). Lisboa: MCMXC, vol. IV, cap. DCCCLVI.

³⁵ COSTA, Ricardo da. E o rei entrou na cidade em uma grande procissão, com todos cantando *Te Deum laudamus*”: a conquista de Córdoba (1236) por Fernando III, o *Santo* (c. 1198-1252) e a expansão das fronteiras da cristandade ibérica medieval. *Conferência de abertura da VI Semana de História da Universidade Federal de São João del Rei* (UFSJ), no dia 20 de novembro de 2006. Conferência também proferida no *VI Encontro ANPUH-ES*, na Universidade Federal do Espírito Santo, no dia 8 de novembro de 2006.

³⁶ BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

³⁷ Para a batalha de Muret, ver CABRER, Martin Alvira. *12 de Septiembre del 1213. El Jueves de Muret*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2002.

Católico até chegamos ao reinado de Jaime I, o qual, com a conquista de Maiorca perante os muçulmanos, empreendeu a expansão do reino de Aragão pelo Mediterrâneo.

Novos territórios conquistados, novos objetivos. Novas exigências? Se observarmos a produção literária destes reinados, veremos que ocorreu também uma mudança na composição literária: a corte de Afonso II apresentava fortes ligações com o trovadorismo da região do Languedoc, além do fato de que os trovadores de sua corte escreviam em occitano.³⁸ Além disso, foi durante seu reinado que surgiu a versão primitiva da *Gesta Comitum Barcinonensium*, escrita em latim e composta entre os anos de 1180 e o fim do reinado de Jaime I,³⁹ a qual recua no tempo e apresenta uma genealogia dos condes de Barcelona.

É fato que a produção literária trovadoresca e também outras versões da *Gesta Comitum* continuaram a ser compostas. Entretanto, uma produção histórica, narrativa, detalhista, providencialista e, principalmente, que colocava o passado em um “presente” era algo novo. E essa novidade foi surgida durante o reinado do *Conquistador* e foi representada pelo *Livro dos Feitos*.

Antes do século XIII, as obras históricas compostas no território catalão eram escritas em latim e consistiam em breves anotações sobre os acontecimentos históricos. Posteriormente, recolheram também alguns fatos relacionados à monarquia francesa ou aos condados catalães. Entretanto, ao longo do século XIII, a produção literária vernacular tomou força e foram compostas crônicas sobre os fatos históricos mais recentes, seja utilizando a experiência dos escritores, seja utilizando os fatos vividos pelos próprios cronistas.⁴⁰ Foi assim que surgiram as *Quatro Grandes Crônicas* da literatura catalã, as quais formam um corpo historiográfico que compreendem os séculos XIII e XIV.⁴¹ Conseqüentemente, a primeira delas foi o *Livro dos Feitos*.

Diferentemente da função genealógica apresentada na *Gesta Comitum Barcinonensium*, o *Livro dos Feitos* oferece uma visão contemporânea dos fatos. Jaime narrou os acontecimentos do seu reinado, uma literatura muito mais contemporânea que a *Gesta*. Como dissemos, foi durante o reinado de Jaime que ocorreu a definitiva conquista de Maiorca

³⁸ RIQUER, Martí de.; COMAS, Antoni.; e MOLAS, Joaquim. *Història de la Literatura Catalana*, p. 21.

³⁹ *Gestes dels comtes de Barcelona i reis d'Aragó*. Edició a cura de Stefano Maria Cingolani. València: Impremta Palàcios, 2008.

⁴⁰ MACHIRANT, Francesc. Introducció. *Llibre dels fets*. Jaume I, p. 15.

⁴¹ SOLDEVILA, Ferran. Introducció a Les Quatre Grans Cròniques. *Les Quatre Grans Cròniques* (Col·lecció Perenne, 26), Barcelona: Editorial Selecta, 1971, p. 3.

diante dos muçulmanos, fato que representa o início da expansão do reino de Aragão pelo Mediterrâneo.⁴² Além disso, houve uma forte expansão para o sul da Península Ibérica, contexto no qual ocorria a luta contra os muçulmanos. Dessa forma, acreditamos que este contexto influenciou as memórias de Jaime, onde são claras as narrativas cavaleirescas.

Expressado em uma língua vernacular sobre a forma narrativa e apresentando um encadeamento de idéias relacionadas, o *Livro dos Feitos* expõe a vida de Jaime I e como este evocou seu passado. Com isso, o rei fez do seu passado um “presente”, falou especificamente da sua vida e apresentou suas interpretações neste relato.

Voltamos nosso olhar para a imagem de Jaime: essa legitimação, esse *simbolismo transcendental* foi confirmado em outro momento, dessa vez na Igreja de São Firmino:

Depois disso nos levaram para São Firmino. E quando aqueles que nos levavam entraram na igreja de São Firmino, cantavam *Benedictus Dominus Deus Israel*. E quando nos levaram de volta para a casa de nossa mãe, ela ficou muito alegre com esses prognósticos ocorridos conosco.⁴³

Maria de Montpellier ficou feliz ao ver os presságios que aconteceram com seu filho, os quais confirmaram que ele era reconhecido por Deus, seu senhor feudal por excelência.⁴⁴ Assim, Jaime estaria preparado espiritualmente para enfrentar os problemas que surgiriam (e muitos) durante seu reinado. Mais que isso: tinha toda a proteção celeste para empreender o governo de seu reino terrestre.

Crônica histórica, análise simbólica. Qual seria a importância do *Livro dos Feitos* para o reinado de Jaime I, quando este rei narrou seus feitos? Porque nos apresenta todos estes acontecimentos localizados no início do seu reinado? Talvez um sinal que podemos seguir para encontrar uma possível resposta seja o momento da vida de Jaime em que tudo isso ocorreu e que foi relatado em sua *Crônica*. Assim, ao analisarmos esta fonte, devemos não somente destacar a importância de ser reconhecido *pelos céus*, mas também o momento em que isso ocorreu na vida de Jaime I: sua infância.

⁴² SÁNCHEZ, Esteban Sarasa. Aragón y su intervención militar en el Mediterráneo medieval. *Militaria – Revista de Cultura Militar*. Servicio de Publicaciones de la UCM, nº 12, p. 31-48, 1998.

⁴³ E puyt levaren-nos a Sent Fermi. E, quant aquels qui-ns portaven entraren per la església de Sent Fermi, cantaven *Benedictus Dominus Deus Israel*. E, quan nos tornaren a la casa de nostra mare, fo ella molt alegre d’aquestes prenòstiques que-ns eren esdevengudes. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 5, p. 10-11.

⁴⁴ Para ver esta concepção, muito presente entre os medievais, ver LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*, p. 67.

Depois de certo tempo, o fato de os monarcas coroarem ou sagrarem um filho antes de morrerem tornou-se um costume.⁴⁵ Isso aconteceu com Jaime? Pedro II, o *Católico* e Maria de Montpellier morreram em 1213, quando Jaime tinha somente cinco anos; para piorar a situação, o Juramento nas Cortes de Lérida ocorreu em 1214, ou seja, depois da morte de seus pais.

Desse modo, o fato de ser levado a uma igreja e ser reconhecido pelos céus (idéia que se fortalece devido às coincidências ocorridas) não deve ser visto como um simples evento, mas sim como uma “necessidade”. Dessa forma, concluímos que antes mesmo de ter sido jurado pelos seus nobres na terra, Jaime I, ao apresentar suas memórias, acreditava que era um rei confirmado pelos céus, e assim aqueles cânticos entoados pelos coros celestes confirmavam que o nascimento do rei era um desejo de Deus.⁴⁶ Assim, ao afirmar que os feitos do *Conquistador* estavam adequados às suas crenças, o *Livro dos Feitos* transformou a historiografia em um legado ou testamento exemplar, e, nesse sentido, transcendeu a história e referindo-a a Deus.⁴⁷ Mais importante que isso: estes feitos protegeram a continuação dinástica dos condes de Barcelona no reino de Aragão.

Mas Jaime não apresentou somente um simbolismo celeste em relação aos primeiros anos de seu reinado. Os acontecimentos terrestres também eram necessários para fortalecer sua imagem confirmada pelos céus. Diante disso, o *Livro dos Feitos* nos apresenta alguns fatos interessantes sobre o Juramento nas Cortes de Lérida, ocorrido em 1214.

O Juramento nas Cortes de Lérida: o *simbolismo terreno*

Outro fato que nos chamou a atenção foi a cerimônia de Juramento do rei nas Cortes de Lérida, em novembro de 1214, o que entendemos como um *simbolismo terreno*, pois se referia à imagem do rei entre seus nobres:

E tiveram outro conselho: que em nosso nome e com um novo selo que mandariam fazer, ordenariam uma corte de catalães e aragoneses em Lérida, na qual também iriam o arcebispo, os bispos, abades, *ricos-homens* de cada um dos reinos e dez homens de cada cidade com a autoridade dos outros para fazer o que [fl.6r] fosse

⁴⁵ LE GOFF, Jacques. Rei. _____ & SCHMITT, Jean-Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Volume II. Bauru, São Paulo: Edusc; São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, p. 395-414, 2002.

⁴⁶ BELENGUER, Ernest. *Jaume I i el seu regnat*. Lleida: Pagès Editors, 2007, p. 33.

⁴⁷ HAUF, Albert G. Més sobre la intencionalitat dels textos historiogràfics catalans medievals. *Medieval and Renaissance Studies in honour of Robert Brian Tate*. Oxford, The Dolphin Book Co., 1986, p. 47-61.

necessário. E todos vieram no dia da corte, exceto Dom Fernando e o conde Dom Sancho, pois tinham a esperança que cada um fosse rei. Ali todos juraram que guardariam nosso corpo, nossos membros e nossa terra, e que nos guardariam de todas as coisas e de todos.⁴⁸

A partir daquele momento, a imagem real de Jaime I seria representada por um selo, decisão tomada na celebração de uma Corte composta por catalães, aragoneses, religiosos, *ricos-homens* e os cidadãos. Este foi o primeiro momento que o rei manteve um contato direto com seus súditos, depois de passar por um dos períodos que consideramos iniciais em sua formação cavaleiresca: a tutela de Simon de Montfort (1160-1218), conde de Tolosa, visconde de Beziérs e de Carcassone e duque de Narbona,⁴⁹ entre os anos de 1211 e 1214. Após este reconhecimento, Jaime ainda passaria por duas experiências que fortaleceriam sua formação cavaleiresca: a tutela sob os Templários e o contato com seus súditos.⁵⁰

Mas retomamos nosso assunto: é importante frisar que esta representação terrena foi a primeira que ocorreu com o rei, logo no início de seu reinado. Serviu para difundir a sua legitimidade frente não apenas aos outros reis, mas também aos seus súditos.

Entretanto, é notório que Jaime I não poderia ser “efetivamente” um rei desde o seu nascimento. Até mesmo por ter passado por duas “tutelas”: Simon de Montfort (1211-1214) e Guilherme de Montredon (1214-1217). Durante este último período, o reino foi governado por Sancho, regente de Jaime I.⁵¹ Assim, ao ditar suas memórias, ao reviver seu passado, Jaime desejou que soubessem como foram os princípios de sua vida à frente do reino de Aragão. No momento em que fez isso, desejou que todos soubessem que, com a ajuda divina, ele conseguiu reinar.

Destacamos também os personagens que participaram do juramento do rei: a corte de catalães e aragoneses, arcebispo, bispo, abades, ricos-homens de cada um dos reinos e dez homens de cada cidade. Aqui temos a presença da Igreja e da nobreza e dos cidadãos, homens

⁴⁸ E hagueren altre conseyll: que en nom de nós e ab segel novel que-ns faeren fer que manàsem cort a Leyda de cathalans e d'aragoneses, en la qual fossen l'archabisbe e-ls bisbes e-ls abats e-ls richs hòmens de cada .I. dels regnes, e de cada ciutat .X. hòmens ab autoritat dels altres de co que éls farien que [fl.6r] fos feyt. E tots vengren al dia de la cort, levat Dom Fferrando e-l comte Dom Sanxo, car havien esperança que cascú fos rey. E aqui juraren-nos tots que-ns gardarien nostre cors e nostres membres e nostra terra, e que-ns guardarien en totes coses e per totes. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 11, p. 15.

⁴⁹ SOLDEVILA, Ferran. *Els grans reis del segle XIII. Jaume I i Pere el Gran*. Barcelona: Editorial Vicens-Vives, 1965, p. 14.

⁵⁰ VIANNA, Luciano José. A cavalaria medieval e a formação inicial de Jaime I como rei cavaleiro no *Llibre dels Fets* (c. 1252-1274). COSTA, Ricardo da, TÓRRES, Moisés Romanazzi e ZIERER, Adriana. *Mirabilia. Revista eletrônica de História Antiga e Medieval*, nº 08, p. 182-204, 2008. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/numero8_10.htm>. Acesso em: 10/12/2008.

⁵¹ SOLDEVILA, Ferran. *Els grans reis del segle XIII. Jaume I i Pere el Gran*, p. 13.

da cidade. Nesta cerimônia de confirmação, neste juramento de Jaime em 1214, percebemos que o mesmo estava circundado pela “comunidade do reino”, uma vez que todos prestaram juramento de “guardar” o “rei e a Coroa”, ou seja, a pessoa do rei e também a instituição.⁵²

Igreja, nobreza, homens da cidade. Estes personagens presentes na cerimônia de juramento de Jaime I, em 1214, seriam uma representação das três ordens? Coincidentemente, cerca de quatro meses antes do juramento de Jaime em Lérida, uma importante batalha ocorreu em 12 de julho de 1214: Bouvines. Aqui não nos interessa sua narrativa, a qual foi belamente estudada por Georges Duby,⁵³ mas sim o seu significado: de acordo com Duby, a partir daquele momento, a antiga história da trifuncionalidade social deixava o campo do imaginário e começava a se tornar uma instituição.⁵⁴

Segundo este mesmo autor, o documento que melhor expressa esta idéia é a *História dos Duques da Normandia*, escrita entre os anos de 1173 e 1185 por Benoît de Saint-Maure (s. XII). Este documento representa a pista mais antiga do esquema conceitual trifuncional. Tomado como “o verdadeiro ponto de partida”, da composição deste documento até Bouvines este esquema ideológico se implantou nas terras de Felipe Augusto, pois, depois desta batalha, o tema das três ordens tornou-se um lugar comum na literatura francesa.⁵⁵

Mesmo com este juramento (das três ordens?), o começo do reinado de Jaime I foi muito conturbado. As lutas entre os nobres pela disputa do reino são constantemente citadas no *Livro dos Feitos*. Além disso, o *Conquistador* herdou um reino em constante turbulência, pois, em suas próprias palavras, quando entrou em Monzón pela primeira vez: “(...) não tínhamos sequer do que comer para um dia, pois nossa terra estava destruída e penhorada!”⁵⁶ Apesar disso, Jaime se apresenta para nós como um rei que foi auxiliado especialmente pela fortuna, pela providência e pela astúcia.⁵⁷

Assim, pouco a pouco, conforme o desenrolar dos acontecimentos, o *Livro dos Feitos* nos apresenta certa aquisição de maturidade por parte do rei. Aos poucos sua imagem toma contornos, adquire uma grande diferença em relação aos primeiros anos de seu reinado. Jaime viveu em um mundo de transformações, como explicamos anteriormente. Seu mundo

⁵² KANTOROWICZ, Ernst H. *Los dos cuerpos del rey. Un estudio de teología política medieval*. Madrid: Alianza Editorial, 1985, p. 338-340.

⁵³ DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines*. 27 de Julho de 1214. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

⁵⁴ DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 371-373.

⁵⁵ DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*, p. 296-297, 380-381.

⁵⁶ E no haviem a .I. dia, quant nós entram em Monsó, què menjar: si era la terra destroyda e empenyorada! *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 11, p. 15.

⁵⁷ VILLACANA, José Luis. *Jaume I el Conquistador*. Madrid: Editorial Espasa Calpe S. A., 2004, p. 56.

ainda era, mesmo que com algumas mudanças, o mundo feudal. Nesse ambiente, o rei necessitava dos conselhos dos seus nobres, principalmente um rei como Jaime, novo e sem experiência neste cotidiano.

Necessitava de conselho? Diante dessa pergunta, o capítulo 29 do *Livro dos Feitos* torna-se importante para ser analisado. Mesmo sem esta experiência, neste momento da narrativa o rei recusa um conselho. Seria uma aquisição de consciência ou imaturidade? Vejamos o motivo.

Recusar um conselho e discursar: consciência, maturidade e a naturalidade de linhagem

Uma leitura atenta da fonte observará que a conquista de Maiorca, localizada entre os capítulos 47 e 106, apresenta um momento importante na vida do rei. Antes desta conquista Jaime I admitiu três vezes que ainda não tinha idade para dar conselhos: afirmou que não possuía senso para dar conselho, que não sabia reinar sobre a terra e que, por isso, era necessário que os nobres o aconselhassem. Na última afirmação, o rei tinha não mais que catorze anos.⁵⁸

Assim, ao ditar seus feitos, Jaime não teve medo de admitir os problemas que passou durante os momentos iniciais de seu reinado. Por isso declarou abertamente que não tinha sabedoria para aconselhar porque era muito jovem, praticamente um infante. Entretanto, nos parece que conforme a narrativa progride, a imagem de Jaime como *rei natural* se fortalece. Devido às circunstâncias em que viveu, Jaime I adquiriu experiência e com o tempo vivenciou sua imagem de rei. Um jovem rei, destacamos. Como um esboço, a imagem de Jaime como rei se aperfeiçoou aos poucos, formou-se com o passar dos anos.

Identificamos dois momentos cruciais nos quais Jaime adquiriu essa maturidade e que, conseqüentemente, sua imagem se fortaleceu. Após a morte de Dom Pedro Ahones em 1226,⁵⁹ houve uma sublevação da nobreza aragonesa, a qual formou uma coalizão contra Jaime I. Quando estava na localidade de Lascellas,⁶⁰ o rei foi aconselhado por seu vassalo,

⁵⁸ Para estas afirmações, ver os capítulos 15 (p. 17-19), 16 (p. 19-21) e 21 (p. 24-27) do *Llibre dels Fets Del Rei En Jaume*.

⁵⁹ Nobre aragonês. Fazia parte de uma das facções nobiliárias durante o reinado de Jaime. *Grup Enciclopèdia Catalana*. Disponível em: <http://www.enciclopedia.cat>. Sobre a morte deste vassalo, ver VIANNA, Luciano José. Juramento, pacto, traição e morte: a relação de poder do sistema feudo-vassálico no Livro dos Feitos (c. 1252-1270) de Jaime I (1208-1276), o *Conquistador*. Artigo apresentado no XV *Simpósio de História* da Universidade Federal do Espírito Santo, em novembro de 2005.

⁶⁰ Localidade entre Barbastro e Huesca.

Dom Pedro Pomar, a se refugiar em um monte “muito forte”, ou seja, difícil de ser tomado.

Porém, Jaime não aceitou este conselho:

Dom Pedro Pomar, nós somos rei de Aragão por nosso direito, e estes que vêm contra nós são nossos naturais e fazem o que não devem, pois vêm combater contra nós. Nós temos o direito, eles têm o erro. Por isso, Deus nos ajudará, e nós não deixaremos a vila, a não ser morto, mas os venceremos. Assim, dessa vez não tomaremos vosso conselho.⁶¹

O rei, que tanto necessitava de conselho, que tanto precisou de ajuda durante os momentos iniciais de seu reino, agora rejeitava auxílio. Ou melhor, devido à sua posição, recusava algo que não devia fazer. Não por orgulho ou por qualquer pecado, mas sim porque amadurecia e ganhava experiência neste cotidiano de guerra.

Desse modo, o que nos importa não é a recusa do conselho e sim o motivo da dispensa. Ao analisar este trecho por este viés observamos que o motivo da recusa está relacionado ao amadurecimento de Jaime. Ele sabia que era rei por direito e aqueles que o combatiam estavam no erro, pois combatiam contra o rei, contra seu senhor.

Por pensar conscientemente no que era correto, Jaime acreditava que Deus o ajudaria, pois tinha como verdade que Ele sempre estava do lado certo nas batalhas, típica concepção dos medievais.⁶² Nas próprias palavras de Ferran Soldevila, Jaime “deveria, de pouco a pouco, pelo próprio esforço e pela dura aprendizagem da vida, cobrar autoridade diante dos soberbos ricos-homens e barões”.⁶³

Como já afirmamos, este texto é uma narração dos feitos de um rei, que está situado em um momento de mudança específico do reino de Aragão. Jaime se encontrava em uma “encruzilhada” da história da Europa, vivia a experiência de um “homem de fronteira”, algumas vezes cavaleiro, outra conquistador, mas sempre muito consciente do que fazia.⁶⁴ Ao ditar sua vida, Jaime desejou que seus feitos fossem lembrados por todos.⁶⁵ Seu livro representa suas memórias, recordações sobre seu reinado. E isso nos leva para o segundo

⁶¹ Don Pero Pomar, nós som rey d’Aragó e havem-lo per nostre dret, e aquests qui vénen contra nós són nostres naturals e fan ço que no deuen, per ço quan se vénen combatre ab nós. E nós tenim dretura, e els han tort; e Déus ajudar-nos n’à. E nos no lexarem la vila meys de mort e vençrem-los. E no farem vostre conseyl esta vegada. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 29, p. 37-38.

⁶² DUBY, Georges. *O Domingo de Bouvines*. 27 de Julho de 1214, p. 157.

⁶³ SOLDEVILA, Ferran. *Els grans reis del segle XIII. Jaume I i Pere el Gran*, p. 15.

⁶⁴ RUIZ-DOMÈNEC, José Enrique. Salvar la imagen del caballero. *Jaime I, Rey y Caballero. Los arneses y la cultura caballeresca en el siglo XIII*. València: LAIMPRESA CG, 2008, p. 91-95. Atas do Encontro “Any Jaume I – 800 Aniversari”, em comemoração aos 800 anos do nascimento de Jaime I, evento realizado entre os dias 24 e 25 de outubro de 2008, no Museu de la Ciutat de València.

⁶⁵ Ver nota 15.

momento em que esta fonte nos apresenta uma mudança de personalidade de Jaime, não totalmente concreta, mas com uma notável diferença: seu primeiro discurso perante os nobres aragoneses. Nele, o rei manifestou toda sua insatisfação com a nobreza aragonesa e com tudo que havia acontecido até então. Estamos aproximadamente em 1226:

Barões, cremos que sabeis e deveis saber que nós somos de longo tempo vosso senhor natural; que conosco Aragão teve quatorze reis, e quanto mais distante é a natureza entre nós e vós, mais aproximação deve existir, pois ao se estender o parentesco, por essa extensão a natureza se estreita. Nunca lhes fizemos mal, nem falamos mal, pelo contrário, temos em nosso coração a intenção de amá-los e honrá-los, e lhes faremos ter todos os bons costumes que temos tido de nossa linhagem, e lhes daremos ainda melhores, se não tiveres aqueles que são bons. Por isso, maravilhamo-nos muito em ter que nos proteger de vós, que não possamos entrar nas cidades que Deus nos deu e que nosso pai nos deixou, e nos pesa muito que haja guerra entre nós e vós. Assim, rogamos e ordenamos que isso não aconteça, pois nos pesa muito, e podeis perceber isso, pois vim só para estar entre vós, pois confio em vós e em vosso amor, e vos tenho guardados com amor no coração.⁶⁶

Quando narrou seus feitos o próprio rei confessou que em alguns momentos não era capaz de dar conselho, pois não estava preparado para guiar seu reino. Porém, compreendemos que o primeiro discurso de Jaime denota um momento em que a personalidade do rei se modificou, principalmente pela influência do meio em que vivia: guerras constantes, disputas, um universo militar onde se exigia maturidade de qualquer líder.

Até aqui percebemos que há um encadeamento dos feitos contados por Jaime. Aos poucos descobrimos, nos aproximamos de sua imagem, a qual surge vagarosamente depois de uma densa interpretação. A cada capítulo, o *Livro dos Feitos* nos apresenta um rei que adquire consciência do seu papel como conde de Barcelona na formação do reino de Aragão. Afirmamos isso tomando as próprias palavras de Jaime, pois, quando afirmou que era o décimo quarto rei de Aragão, ele não apenas baseou-se na naturalidade de sua linhagem, mas também construiu uma ponte com o passado e tornou este “passado” presente em seu discurso.

⁶⁶ Barons, bé creem que sabets e devets saber que nós som vostre seyor natural, e de lonch temps; que .XIII reys ab nós haüts en Aragó, e on pus luyn és la naturalea entre nós e vós, més acostament hi deu haver, que parentesch s’alonga, e naturalea per longuea s’estreyn. E anch no us fem mal ni-l vos dixem, ans vos havem en cor d’amar e d’onrar, e totes bones costumes que hajats haüdes de nostre linyatge, que les vos farem tenir e nós qui us darem de miylors, si no n’havets d’aqueles que fossen bones. E maraveylam-nos molt d’esta cosa, que nós nos hajam a guardar de vós e que nós no gosem entrar en les ciutats que Déu nos ha donades e nostre pare leixades; e que guerra haja entre nós e vós pesa’ns molt. E preguam-vos e manam-vos que no y sia, que açò és cosa que-ns pesa molt, e podets-ho conèxer, que axí só vengut jo entre vós e que en vós me fiy e en vostra amor e que us he en cor de retenir e de amar. *Llibre dels Fets del Rei En Jaume*, 1991, cap. 31, p. 39.

Além disso, ao lembrar que era conde de Barcelona e rei de Aragão, Jaime retomou e reforçou a continuidade dinástica, destacando que por um longo tempo a casa de Barcelona reinava naquelas terras. Isso se aproxima da afirmação de Ernest Kantorowicz, quando o mesmo afirmou que a perpetuidade da cabeça do reino (ou seja, do rei) dependia da interação de três fatores: a perpetuidade da dinastia, o caráter corporativo da Coroa e a imortalidade da dignidade real.⁶⁷ Entretanto, lembramos que os dois últimos elementos não estavam presentes ao menos nos primeiros anos do reinado do *Conquistador*.

Além disso, somente em relação ao primeiro elemento – perpetuidade da dinastia – podemos indicar certa continuidade no tempo, pois a história do reino de Aragão apresenta várias particularidades em sua formação que impedem esta associação de forma direta e sem um exame minucioso. Vale ainda lembrarmos da crítica realizada por Alain Boureau em relação à tese de Kantorowicz, o qual afirmou que a dualidade do corpo real foi somente uma ficção de relevância estética, um conceito desenvolvido por escritores da época, e que foi o resultado da crescente utilização do discurso da teoria corporal.⁶⁸

Para compreendermos melhor a utilização do passado por parte do rei, passado revivido em suas memórias, dividimos seu discurso em quatro partes onde Jaime: 1) explicou a natureza da relação entre ele e seus nobres, obviamente a natureza feudal; 2) lembrou a intenção e o dever dele para com os barões; 3) ficou surpreso em ter que se proteger de seus nobres e não poder reinar como um rei e; 4) rogou e ordenou que isso não acontecesse novamente.

Ao invocar a relação de parentesco e destacar que a mesma existia há um longo tempo (*lonch temps*), Jaime identificou as bases sobre as quais seu poder estava constituído. Na verdade, com a intenção de acabar com a “anarquia” que existia em seu reino, Jaime exaltou a natureza feudal para aproximar-se de seus vassallos e submetê-los ao seu comando, o que faria com que eles o reconhecessem como rei.

Em seguida destacou seus deveres como senhor feudal, onde teria por seus vassallos “a intenção de amá-los e honrá-los”. Cumprindo a obrigação de um senhor, Jaime faria todo o bem pelos seus *naturais*. Vale notar que, sem compreender o motivo de ser atacado por pessoas que lhe deviam fidelidade, Jaime primeiro lembrou seu dever, honrar seus homens e

⁶⁷ KANTOROWICZ, Ernst H. *Los dos cuerpos del rey. Un estudio de teología política medieval*, p. 299.

⁶⁸ BOUREAU, Alain. *Le simple corps du roi. L'impossible sacralité des souverains français, XVe-XVIIIe siècle*. Éditions de Paris, 1988. Para as críticas em relação às idéias de Kantorowicz, ver principalmente as páginas 19-21 e 46-60.

“amá-los”, e somente no final do discurso destacou a reciprocidade dessa relação: “pois confio em vós e em vosso amor”.

A terceira parte do discurso é representada pela insatisfação de Jaime com os acontecimentos ocorridos em seu reino. São três queixas: 1) o fato de que ele tinha que se proteger de seus próprios vassallos; 2) de que não podia entrar nas cidades que seu pai, Pedro II, o *Católico*, deixou e 3) que lamentava muito pela guerra que existia entre ele e seus vassallos.

Nesse estado de coisas, compreendemos que não havia possibilidades para Jaime exercer sua função de rei, um rei que teria que governar seu reino, comandar seus vassallos, mobilizar suas forças, forças que lhe deviam obediência. Por isso é que discursou aos seus vassallos com a intenção de acabar com tudo o que acontecia. Nessa ocasião, sua maturidade já é bem notável se compararmos com momentos anteriores, onde o rei não tinha capacidade de aconselhar.

Por fim, rogou e ordenou para que aquilo não mais acontecesse, uma vez que ele confiava muito em seus vassallos e os tinha em uma relação de amor guardados em seu coração. Jaime já estaria cansado de tanta desordem? É o que parece. Mas também já apresentava certa maturidade e certa competência para exercer seu ofício.

Conclusão

Levando em consideração todos os acontecimentos precoces que aconteceram com Jaime, o *Livro dos Feitos* nos passa a informação de que o mesmo era um *rei natural*, que se baseava no longo tempo de sua linhagem, que batalhava para estabelecer a paz em seu reino e procurava exercer sempre seus desígnios. Além disso, não podemos esquecer a função do simbolismo que auxiliou no processo de reconhecimento de Jaime I como um rei, simbolismo tanto celeste quanto terrestre, o que fazia com que o rei estivesse envolvido por um reconhecimento dos céus e da terra já no início de seu reinado.

Ao relacionarmos estes fatos com o reinado de Jaime, entendemos que o rei os comentou por dois motivos: primeiro porque acreditava no significado simbólico dos mesmos e também porque assim legitimaria em suas memórias o seu reinado, o qual, como afirmamos anteriormente, foi muito conturbado principalmente pela oposição de parte da nobreza.

Assim, o rei acreditava que os primeiros anos de seu reinado tinham um forte significado simbólico e que por isso deveriam ser revividos em suas memórias. O que isso

significava para o rei? Agora que temos uma aproximação de sua imagem real nos primeiros momentos do reinado do *Conquistador*, confirmada tanto pelos simbolismos presentes em sua *Crônica* quanto pelo fato de ser um *rei natural*, afirmamos que Jaime I acreditava que era um rei designado por Deus, o que dentro da “política medieval” era imprescindível.

Artigo recebido em 22/12/2008 e aprovado em 23/02/2009.